

Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o “outro”

Maxine L. Margolis¹

Universidade da Flórida, EUA

RESUMO: Como imigrantes recentes nos Estados Unidos, os brasileiros enfrentam, pela primeira vez na vida, situações em que são vistos como uma minoria étnica. “Brasileiro” se torna uma categoria marcada dentro do contexto de migração internacional e gera questões sobre identidade étnica, problema com o qual os brasileiros têm pouca ou nenhuma experiência prévia. Este trabalho examina a identidade contestada de brasileiro nos Estados Unidos, o papel das categorias étnicas norte-americanas nessa identidade e o esforço do brasileiro para se distinguir do “outro” – o hispânico.

PALAVRAS-CHAVE: brasileiros nos Estados Unidos, identidade étnica, categorias étnicas norte-americanas, hispânico.

Como imigrantes recentes nos Estados Unidos, os brasileiros enfrentam, pela primeira vez na vida, situações em que são vistos como uma minoria étnica. “Brasileiro” se torna uma categoria marcada dentro do contexto de migração internacional porque gera questões sobre a identidade étnica, problema com o qual os brasileiros têm pouca ou nenhuma experiência prévia.

A identidade depende da situação, e ser brasileiro no Brasil é diferente de ser brasileiro nos Estados Unidos, na Europa ou no Japão. Para o imigrante, o significado de “ser brasileiro” varia entre pertencer a uma

nacionalidade e pertencer a um grupo étnico, e de ser maioria para fazer parte de uma minoria. Além disso, essa é uma identidade imposta pela sociedade norte-americana, já que é bem provável que os brasileiros, como também os outros grupos de imigrantes, se identifiquem mais por nacionalidade, pelo menos no princípio, do que por alguma classificação étnica ou racial americana (Jones-Correa & Leal, 1998).

A imigração brasileira nos Estados Unidos

A fim de contextualizar minha apresentação, quero dar-lhes uma breve história da imigração brasileira aos Estados Unidos. Apesar de sempre ter havido brasileiros morando nos Estados Unidos, a taxa de imigração aumentou significativamente em meados da década de 1980, à medida que o Brasil começou a sofrer uma série de choques econômicos. Durante as últimas duas décadas, dezenas de milhares de brasileiros imigraram para Nova Iorque, Nova Jérsei, Connecticut, Massachusetts, Flórida e Califórnia, e esses estados continuam a ser as principais áreas de moradia brasileira nos Estados Unidos. Cerca de 80% dos brasileiros que moram no país atualmente escolheram esses estados como lar (Margolis, 2008).

As maiores concentrações de brasileiros estão nas áreas metropolitanas da grande Nova Iorque, Boston e Miami. Há também enclaves bastante grandes em Washington, D.C., Filadélfia, Chicago, Houston, Los Angeles e San Francisco. Além disso, como outros imigrantes, há brasileiros que buscam regiões que não são associadas tradicionalmente com a imigração estrangeira. Por exemplo, calcula-se que até 50 mil brasileiros morem na área metropolitana de Atlanta e que inúmeros brasileiros foram a Nova Orleans para trabalhar na reconstrução pós-Katrina (Marcus, 2008; Gibson, 2008).

O fator mais problemático da migração brasileira para os Estados Unidos é sua magnitude. É impossível dizer com certeza o número de brasileiros que moram em uma determinada região dos Estados Unidos ou no país todo. O problema pode ser ilustrado com alguns números. Em 2005, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) calculou que cerca de 1,2 milhões de brasileiros moravam nos Estados Unidos, ao passo que o Levantamento Comunitário Americano de 2006 contou menos de 343 mil brasileiros no país todo. Uma razão dessa diferença é um número significativo mas desconhecido de brasileiros sem documentos, que provavelmente não participam de levantamentos e censos (Margolis, 1995; 2008).

O que atrai o brasileiro aos Estados Unidos? O êxodo pode ser atribuído a vários fatores relacionados. O imigrante brasileiro muitas vezes se descreve como “refugiado econômico” ou “prospectador econômico”, alguém que foge das desgraças econômicas endêmicas do Brasil, incluindo o desemprego, o salário baixo, o alto custo de vida e – até os meados da década de 1990 – a incerteza econômica causada pela inflação corrediça. No entanto, até depois da inflação ser controlada, o preço de bens de consumo permaneceu alto e o brasileiro teve dificuldade em viver de acordo com sua renda quando os custos de moradia, assistência médica, matrículas e outros serviços aumentaram até mais do que a taxa de inflação total (Margolis, 1994).

Além dos preços altos e salários baixos, outro estímulo poderoso à migração é a inabilidade de muitos imigrantes brasileiros conseguirem empregos em suas áreas. Durante minha própria pesquisa na cidade de Nova Iorque no começo da década de 1990, encontrei psicólogos, economistas, advogados, professores, assistentes sociais e agrônomos que simplesmente não conseguiam encontrar empregos de tempo integral em suas áreas que pagassem salários razoáveis. Mais do que nunca, o brasileiro está ingressando na faculdade e se formando, porém, isso não

foi acompanhado pelo número de empregos que exige formação superior. Por causa das dificuldades econômicas do país, desde meados da década de 1980 criaram-se menos empregos exigindo formação superior. Portanto, muitos brasileiros com essa formação só conseguiam posições de menor *status* e salário do que outorgado por suas credenciais educacionais. Essa disjunção entre as expectativas e a realidade é reconhecida, há muito tempo, como catalisador da emigração.

Durante essa época econômica desanimadora, os Estados Unidos se tornaram bastante atrativos porque os empregos nesse país, em contraste com aqueles no Brasil, pagavam salários suficientemente altos para permitir que os imigrantes poupassem o que consideravam quantias consideráveis de dinheiro. O número mais citado pelos brasileiros é quatro a um, isto é, pode-se ganhar em uma semana nos Estados o que no Brasil toma quatro semanas de trabalho. Assim, o motivo mais básico para a emigração é a possibilidade de ganhar mais dinheiro em muito menos tempo. Os brasileiros dizem que mesmo depois de trabalhar por muitos anos no Brasil, comprar um apartamento ou casa é algo que está fora do alcance da maioria das pessoas. Mas o salário poupado durante apenas cerca de três ou quatro anos de trabalho nos Estados Unidos pode ser um sinal significativo para uma propriedade ou terreno no Brasil, ou um “pé de meia” para começar um pequeno negócio aqui (Margolis, 1994).

Desta forma, quando os brasileiros consideram o futuro e têm pouca esperança de melhorar sua situação econômica no Brasil, para muitos a emigração se torna aquela opção “O que tenho a perder?”. Dado que muitos migrantes novos tendem a ser jovens e solteiros sem necessidade de muito capital para migrar – a viagem é financiada, em geral, por poupanças pessoais ou empréstimos de parentes ou amigos – a emigração, de acordo com a cientista política brasileira Cristina Martes Braga (2000), pode ser vista como uma oportunidade de investimento pessoal temporária e de baixo custo.

A construção da identidade brasileira

No Brasil, a identidade nacional brasileira é simplesmente presumida; é algo abstrato que raramente é expresso, já que, em geral, as pessoas ao redor no dia-a-dia são brasileiras. “O brasileiro aprende o que é o Brasil só depois de vir aos Estados Unidos” – é o que alegam dois pesquisadores. A maioria traz consigo imagens culturais regionais que só são substituídas por símbolos nacionais – a bandeira brasileira, samba, capoeira, comemorações do dia sete de setembro – ao chegarem aos Estados Unidos (De Lourenço & McDonnell, 2004). Ou, como me contou uma imigrante, ela nunca tinha pensado na questão de ser brasileira até ir a um concerto de Milton Nascimento em Boston, onde se tornou ciente de sua nacionalidade por causa do entusiasmo de seus conterrâneos que estavam alegremente aplaudindo o colega mineiro.

Tipicamente, no Brasil, o ponto de referência de um indivíduo não é sua nacionalidade, e sim sua cidade, o estado onde mora ou sua classe econômica. Porém, mesmo que a identidade nacional no próprio país seja algo subentendido e pouco notado, o brasileiro no exterior é classificado como um estrangeiro de uma terra distante e exótica. Assim, quando o imigrante brasileiro vai a uma churrascaria em Nova Iorque ou bebe uma caipirinha num bar brasileiro em Lisboa, ou quando o brasileiro-japonês come uma feijoada em Nagoya, Japão, não está simplesmente saindo para comer [e beber], “está saindo para comer e beber o Brasil – para participar de uma reafirmação consciente de sua identidade como brasileiro deslocado” (Linger, 2001, p. 75).

Então, o que abrange a construção da identidade étnica em comunidades imigrantes em geral? Frederick Barth (1998, p. 6) definiu a etnicidade como uma forma de “organização social” – como uma maneira de organizar e classificar diferenças entre grupos sociais. Os limites que marcam tais diferenças são atribuídos ao grupo de dentro – por mem-

bros do próprio grupo – como por outros de fora. De acordo com Barth, não é a cultura compartilhada que define o grupo, e sim as *diferenças* entre esse grupo e outros. De forma semelhante, Roberto Cardoso de Oliveira descreve a identidade étnica como “uma afirmação de nós contra os outros [que] provém de oposição [e] é afirmada ao negar o outro...”. Por isso, a identidade étnica é sempre relativa e depende do contexto. “Não pode ser definida em termos absolutos e sim em relação a um *sistema* de identidades étnicas” (Cardoso de Oliveira, 1976, p. 8-9).

Essa observação nos ajuda a entender a construção da identidade entre os brasileiros-fora-do-Brasil, já que sua identidade é construída, em parte, por algo que chamo de uma perspectiva “não somos como eles” – que notei primeiro entre os brasileiros na cidade de Nova Iorque e que foi observado por pesquisadores estudando populações brasileiras em Boston, no sul da Flórida e em Los Angeles (Margolis, 1994; Sales, 1999; Fleischer, 2001; Marcus, 2004; Resende, 2002; Beserra, 2005). “Não somos como eles” é uma frase que se refere tanto à classe econômica quanto à etnicidade, isto é, “o outro” pode ser outro brasileiro de classe social mais baixa ou com menos educação ou, o que é mais comum, pode ser outro grupo de imigrante, mais comumente o *hispânico*, isto é, o falante de espanhol ou descendente de falantes de espanhol, um termo que não é usado no Brasil.

Primeiro, gostaria de esclarecer o que quero dizer com “o outro” em termos de classe econômica. Durante minha pesquisa no começo da década de 1990 com os imigrantes brasileiros na cidade de Nova Iorque, ouvi muitas vezes que os brasileiros que moravam lá eram de “classe baixa”, “sem educação”, “mal-criados”, ou “pobres representantes da sociedade brasileira”. Mas quando eu pedia mais detalhes – Quem são essas pessoas? Onde moram? – as respostas eram sempre indefinidas. A resposta típica era, “Bem, eu não conheço nenhum deles *pessoalmente*”, o que queria dizer, é claro, “eu não me associaria com tais pessoas”. “Só sei

que estão aqui porque ouço português mal falado” na rua ou no metrô (Margolis, 1994).

A divisão entre “nós” e “eles” foi observada na comunidade brasileira em Boston, “eles” sendo “camponeses”, “os ignorantes” e “mineiros”, como na declaração, “A maioria dos brasileiros [em Boston] é ignorante e vem do interior” (Martes, 1998). Uma mentalidade semelhante de “nós contra eles” foi relatada entre os brasileiros no sul da Flórida. Lá, a dicotomia é entre os brasileiros no condado de Broward (principalmente Pompano Beach) e os brasileiros no condado de Dade (Miami) – os de Dade alegam que os de Broward são mais pobres e têm menos educação (Resende, 2002).

Tais esforços para impor limites sociais foram interpretados como uma tentativa pelos imigrantes brasileiros de se repositonarem dentro da hierarquia social local (Martes, 1998; 2000). Mesmo que todos sejam imigrantes, que muitos não tenham documentos e falem mal o inglês, e que a maioria tenha empregos de baixo nível que não exigem habilidades especiais, tais esforços ocultam essas semelhanças e procuram reproduzir as agudas distinções sociais da sociedade brasileira. Através da criação de marcadores de limite, o filho imigrante de uma família distinta de Minas Gerais que trabalha lavando pratos em Boston, ou a filha imigrante de uma família de classe média do Rio de Janeiro que trabalha como faxineira em Nova Iorque, ou o indivíduo com formação universitária que vem de São Paulo e que trabalha como cozinheiro em Miami podem se distinguir de um “outro” brasileiro um tanto indeterminado mas sem dúvida menos desejável.

Essa linguagem também reflete a intensa preocupação com distinções de classe “lá” – no Brasil. Roberto da Matta disse que o Brasil é uma sociedade “que se preocupa com autoridade e hierarquia (...) [com] um lugar para tudo, e tudo em seu devido lugar” (Da Matta, 1991, pp. 140-141). A maioria dos brasileiros é muito atenta a diferen-

ças de classe e rapidamente determina a distância social entre si e outros conhecidos. Medidas de tal distância são aparência geral, incluindo roupa e a “certeza” da fala de uma pessoa. O grau em que o vocabulário e a gramática de um indivíduo é considerado educado é usado como medida de nível de educação e, portanto, posição social (Margolis, Bezerra & Fox, 2001).

A classe social é uma questão importante mas problemática na construção da identidade imigrante brasileira por mais uma razão. Dado que o norte-americano não diferencia os imigrantes brasileiros segundo a classe social, o nível de educação, a ocupação anterior ou a origem geográfica, o brasileiro nos Estados Unidos se esforça para usar os símbolos de língua e cultura, como também de comportamento, para se distinguir de outros considerados menos elevados na hierarquia social, especialmente os *hispânicos*.

A classe social e a etnicidade às vezes coalescem nas tentativas dos brasileiros de se distinguirem de outros novos grupos de imigrantes. Por exemplo, em seu estudo de faxineiras brasileiras em Boston, Soraya Fleischer (2002) conta que as brasileiras realçam sua identidade étnica elogiando sua própria ética de trabalho e comparando-a favoravelmente com a ética de mulheres *hispânicas* que fazem o mesmo trabalho. As brasileiras alegadamente trabalham mais, são mais primorosas e de mais confiança, mais caprichosas em seu trabalho do que as faxineiras *hispânicas*. Ao serem extremamente cuidadosas, as faxineiras brasileiras tentam corrigir o “desentendimento cultural” comum entre os americanos que todas as faxineiras são pessoas simples e sem educação. Ou como disse um imigrante: “A única maneira de mostrar quem você é, se não sabe falar inglês, a única maneira de se expressar é através do trabalho” (Menezes, 2002, p. 61). Nessa construção, os brasileiros são um povo tão trabalhador que, a partir do momento em que uma família america-

na contratar uma faxineira brasileira, nunca ficará satisfeita com uma faxineira de outra nacionalidade (Fleischer, 2001; 2002; Sales, 1999).

Não é de se surpreender que tais “desentendimentos culturais” sejam particularmente comuns na área de trabalho doméstico pago. O serviço doméstico é especialmente difícil para o imigrante brasileiro por causa do pouco respeito que se tem, em geral, pelo empregado doméstico no Brasil. Esse tipo de emprego, mais do que qualquer outro, é antitético à vida e experiência pessoal do brasileiro no Brasil. O brasileiro recém-chegado nos Estados Unidos entra nesse setor do mercado de trabalho doméstico americano e rapidamente perde sua identidade social anterior. Essa disjunção entre as raízes sociais e a realidade atual fornece um “cursinho” em mobilidade descendente, algo que o brasileiro tenta mediar ao se apresentar como sendo superior ao imigrante “comum” (Margolis, 1990; Fleischer, 2001).

Ao se apresentar assim, o brasileiro está atribuindo a si mesmo alguns dos mesmos estereótipos que o americano tem do *hispanico* – que “não gosta de trabalhar” e que está metido em gangues, tráfico de drogas e outras atividades criminosas (Sales, 1999; 2001). A fim de se distanciar de tais estereótipos negativos, o brasileiro salienta sua própria etnicidade distinta ao se distinguir do *hispanico* em termos de sua ética de trabalho, aparência física, classe social, educação, língua e cultura. Essa demarcação é ajudada pelo fato de que, como muitos americanos, os brasileiros não distinguem os *hispanicos* por origem nacional, combinando-os em uma só massa sem diferenciação, um “outro” singular.

Essencialmente, então, os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos não estão abraçando somente estereótipos étnicos americanos, mas também hierarquias étnicas americanas. Tentam se distanciar dos negativos comumente associados ao grupo hispanico/latino e, assim, tentam ascender na escada étnica. No entanto, essas tentativas dos imigrantes bra-

sileiros de se diferenciarem em termos de língua e cultura dos outros da América Latina não vem apenas de sua experiência nos Estados Unidos; são também o resultado de atitudes trazidas do Brasil, onde sentimentos de orgulho cultural, da singularidade da *raça* brasileira, como dizem, são salientados. Tais atitudes, por sua vez, têm suas origens em Portugal onde, de acordo com tradição, “de Espanha nem bons ventos nem bons casamentos” (citado em Riding, 1992, p. 13). Assim, devido à sua herança lusitana, o brasileiro sempre se achou diferente do latino-americano falante de espanhol e não se interessa pelas raízes ibéricas comuns que compartilha com seus vizinhos latinos. Ou, como disse o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, “... o Brasil e a América Espanhola [estão] divididos em dois mundos, de costas um ao outro” (citado em Riding, 1989, p. 15).

Entretanto, o brasileiro nos Estados Unidos às vezes sente uma identificação com outros latino-americanos em termos de semelhanças culturais – comida e música, por exemplo – uma afinidade que raramente ou nunca se sente no Brasil. Isso é verdade particularmente em cidades como Miami. Para alguns imigrantes, viver no estrangeiro fornece uma nova lente através da qual reconhecem sua própria identidade. Ou, como disse um brasileiro em Miami, “Nós vimos à Flórida e descobrimos que somos latinos” (citado em Resende, 2002, p. 3).

Mas essa é uma exceção. A maioria dos imigrantes brasileiros se esforça consideravelmente para demarcar e salientar sua nacionalidade, um fato demonstrado no censo de 1990 dos Estados Unidos em que mais de 90% dos imigrantes brasileiros se classificaram como “*não-hispânicos*” (Marrow, 2002). Já que a nacionalidade e as classificações étnicas não são necessariamente mutuamente exclusivas, o brasileiro poderia facilmente se identificar como brasileiro e, ao mesmo tempo, aceitar, pelo menos para alguns propósitos, a classificação de latino ou *hispânico* (Wilson, 1995). Mas não se pode negar que, na maioria dos casos, o

brasileiro, especialmente o imigrante da primeira geração, não o faz; em vez disso, afirma sua identidade nacional apesar de qualquer pressão que exista para se identificar como *hispanico* ou latino.

Essa rejeição da identidade *hispanica* é de fato mais marcada na primeira geração dos imigrantes brasileiros. Os estudos sugerem que é mais fácil um jovem da segunda geração, que entende melhor o sistema étnico local, declarar sua “latinitude” em certos contextos onde é vantajoso fazê-lo (Menezes, 2002). Um pesquisador também achou que o brasileiro da segunda geração se mostrava muito mais disposto a se identificar como latino do que seus pais (Marrow, 2004).

Parte da mistificação da identidade brasileira nos Estados Unidos provém do fato de que, os brasileiros não se encaixam bem no entendimento comum dos norte-americanos sobre o que é ser latino-americano. Nos Estados Unidos, a América Latina é muitas vezes retratada como uma única civilização artificialmente dividida em diferentes nações. Portanto, porque muitos americanos não percebem que o Brasil é diferente na língua e na cultura do resto da América Latina, a identidade brasileira se torna uma categoria nebulosa e contestada dentro do contexto da imigração.

A identidade brasileira e a ignorância americana

A identidade brasileira é uma questão particularmente carregada, dada a confusão que a rodeia nos Estados Unidos. A maioria dos americanos simplesmente não distingue entre brasileiros e *hispanicos*, mesmo que “hispanico” seja um termo incorreto quando atribuído ao brasileiro, já que se refere a um falante de espanhol ou descendente de falantes de espanhol. Um levantamento autorizado pela embaixada brasileira em Washington D.C. para medir o conhecimento americano (ou a falta de

conhecimento) sobre o Brasil verificou que quase 40% das pessoas questionadas acreditava que espanhol era a língua oficial do Brasil, quase 25% achava que Buenos Aires era a capital brasileira, e menos de 20% sabia que Brasília é a capital do seu país! (<http://jornal.atarde.com.br>).

Além disso, houve o seguinte diálogo entre o presidente George W. Bush e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso: “Há negros no Brasil? Vocês também têm negros?” perguntou Bush a um pasmado Fernando Henrique. A então conselheira de segurança nacional, Condoleezza Rice, o socorreu. Percebendo o espanto de Fernando Henrique, Dra. Rice disse rapidamente a Bush: “Sr. Presidente, é provável que haja mais negros no Brasil do que nos Estados Unidos. É o país com o maior número de negros fora da África”. Mais tarde, Fernando Henrique comentou diplomaticamente que Bush ainda estava “em fase de treinamento” quanto à América Latina (<http://www.spiegel.de/panorama/0,1518,196865,00.html>).

A identidade brasileira não é só uma questão sensível entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, mas também entre os brasileiros no Brasil. Algo que há muito tempo enfurece os brasileiros é a ignorância americana quanto ao Brasil e a tendência para mostrá-lo em termos simples e estereotípicos. Isso se tornou evidente com o alvoroço nacional a respeito de um episódio dos *Simpsons* em 2002, um desenho animado da TV americana sobre uma família politicamente incorreta. No episódio, os Simpsons visitam o Rio de Janeiro, onde o pai da família é raptado por um motorista de táxi, a filha visita um menino pobre que ela ajuda a sustentar no “Orfanato de Anjos Imundos”, enquanto o filho fica viciado num programa de TV picante chamado “Teleboobies”. A família também aprende uma nova dança brasileira, sucessora da lambada, chamada “a penetrada”. Além disso, as pessoas são atacadas por macacos selvagens na praia de Copacabana. Mesmo que o episódio não tenha sido mostrado no Brasil, a notícia chegou até aqui por meio

dos brasileiros ultrajados morando nos Estados Unidos. O resultado foi um furor da mídia em que o programa foi denominado um insulto nacional; membros da imprensa estrangeira foram informados de que os americanos acham os brasileiros “inferiores, ignorantes, animais pervertidos e sujos”; e autoridades municipais no Rio de Janeiro ameaçaram boicotes e processos (*Gainesville Sun*, 17/04/2002).

Em resumo, a identidade brasileira é uma categoria indistinta e ambígua dentro do contexto da imigração. Essa ambigüidade ajuda a explicar a invisibilidade brasileira. Apesar de um aumento no número de brasileiros nos Estados Unidos, em algumas cidades americanas sua etnicidade contestada os levou a serem praticamente invisíveis como um grupo imigrante distinto. Em Nova Iorque, por exemplo, poucos novaiorquinos parecem estar cientes de que há brasileiros ao seu redor, e os brasileiros raramente ou nunca são mencionados na mídia ou em obras populares ou acadêmicas tratando da diversa mistura étnica. De modo semelhante, a única referência jornalística à comunidade brasileira crescente de San Francisco foi durante as finais da Copa do Mundo de 1994, quando os brasileiros locais festejaram a vitória do Brasil nas ruas da cidade (Ribeiro, 1999). Em Boston, por outro lado, os brasileiros têm mais visibilidade talvez por serem agrupados com a grande comunidade de falantes de português da cidade (oriundos do Cabo Verde, dos Açores e de Portugal) ao invés da população *hispanica* residente na cidade.

A identidade brasileira e o transnacionalismo

A natureza transnacional de muita imigração recente também contribui para a formação da identidade. O transnacionalismo é um processo em que o migrante internacional mantém suas conexões com sua pátria – apesar de qualquer distância geográfica – enquanto está no país de resi-

dência (Glick Schiller, Basch & Szanton Blanc, 1992a; 1992b). O termo “transnacional” é usado para indicar a facilidade com a qual pessoas, coisas e idéias vão e vêm através de fronteiras internacionais. Outrora, via-se a imigração como um rompimento permanente com a pátria do migrante ou uma estadia temporária no país hospedeiro por lucro econômico de curto prazo. Atualmente, reconhece-se que muitas vezes o migrante está comprometido com duas sociedades ao mesmo tempo. Essencialmente, o migrante transnacional se recusa a escolher entre as duas nações quando ambas lhe oferecem recursos valiosos. Tal migrante estabelece e mantém conexões familiares, econômicas, políticas e culturais através de fronteiras internacionais, efetivamente tornando a pátria e a sociedade hospedeira uma só arena de ação social (Basch, Glick Schiller & Szanton Blanc, 1994).

O brasileiro não é exceção a essa postura transnacional (Margolis, 2001). Dado que a maioria dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos se vê, pelo menos no início, como residente temporário em vez de permanente, mantém fortes ligações com o Brasil e, por conseqüência, com sua identidade como brasileira. O residente temporário continua a se orientar por seu próprio país; não faz parte da sociedade hospedeira e vive sonhando com o dia em que poderá voltar para casa (Chavez, 1988). Como os brasileiros em Nova Iorque me contaram, “Estamos aqui, mas nossas cabeças [ou corações] estão no Brasil”. Tal dualismo tem suas raízes em intenções brasileiras. No início, pelo menos, a maioria vem aos Estados Unidos com o único propósito de fazer uma vida nova para si ou para suas famílias *lá no Brasil*.

O brasileiro é bifocal, uma postura que permite que ele e outros transnacionais vejam seu mundo através de lentes diferentes e adotem diferentes identidades simultaneamente (Rouse, 1991). Dependendo do ponto de referência, tal postura bifocal embaralha os relacionamentos entre identidades locais, regionais e nacionais. A origem regional é mui-

tas vezes um marcador social importante no Brasil, mas nos Estados Unidos, onde a maioria dos americanos não sabe nada sobre a geografia do Brasil, ser mineiro, paulista, carioca ou cearense tem pouca importância. Ao lidar com os estrangeiros, as identidades locais e regionais brasileiras são submersas e têm pouca importância, mesmo que continuem sendo relevantes dentro da comunidade migrante brasileira. No contexto americano, o indivíduo sofisticado do Rio de Janeiro, por exemplo, está ansioso para se distinguir do brasileiro de uma cidade como Governador Valadares, que ele considera um caipira sem educação. Mas a identidade local e regional perde seu peso relativo quando o “outro” é um estrangeiro, um americano. Mesmo assim, essas identidades continuam a ser importantes na organização da experiência migratória, na qual pessoas da mesma cidade podem se unir para promover ajuda mútua (Ribeiro, 1997). A identidade, novamente, depende do contexto; varia dependendo da pessoa com quem se está lidando – um brasileiro da mesma cidade, outro brasileiro ou um americano.

Portanto, enquanto vive na sociedade hospedeira, o migrante transnacional não é classificado somente de acordo com as categorias étnicas locais, mas sua identidade continua a ter raízes na própria pátria e até num local particular dela. Essas identidades flutuantes são impostas e decretadas tanto pelo próprio indivíduo quanto pela sociedade em que se insere. Como vimos, a grande maioria dos brasileiros escolhe se identificar por nacionalidade, mesmo que em grande parte a sociedade americana os classifique de acordo com categorias estabelecidas como latina ou *hispânica*.

No entanto, se os brasileiros permanecerem nos Estados Unidos por duas ou mais gerações – o que, de fato, estão fazendo – é provável que eventualmente sucumbam à classificação étnica americana e achem menos problemática do que no passado a designação de *hispânico* ou latino (Sales, 2001). Entretanto, a continuação do transnacionalismo

pode reter tais forças assimiladoras, levantando a questão se migrantes internacionais podem, de fato, se assimilar e ao mesmo tempo manter suas identidades nacionais.

Nota

¹ Professora emérita de Antropologia. E-mail: maxinem@anthro.ufl.edu

Bibliografia

BARTH, F., (org.)

1998[1969] *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Cultural Difference*, Prospect Heights, IL, Waveland Press.

BASCH, L.; GLICK SCHILLER, N.; SZANTON BLANC, C.

1994 *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States*, Langhorne, PA, Gordon and Breach.

BESERRA, B.

2005 "From Brazilians to Latinos? Racialization and Latinidad in the Making of Brazilian Carnival in Los Angeles," *Latino Studies*, vol. 3(1): 53-75.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R.

1976 *Identidade, Etnia e Estrutura Social*, São Paulo, Livraria Editora Pioneira.

CHAVEZ, L. R.

1988 "Settlers and Sojourners: The Case of Mexicans in the United States", *Human Organization*, vol. 47(2): 95-107.

DAMATTA, R.

1991 *Carnivals, Rogues, and Heroes: An Interpretation of the Brazilian Dilemma*, trans. John Drury, Notre Dame, IN, University of Notre Dame Press.

DE LOURENÇO, C. & MCDONNELL, J.

- 2004 "The Politics of Identity: Brazilian Women Workers in Massachusetts", Paper apresentado na Reunião da Latin American Studies Association, Las Vegas, October.

FLEISCHER, S.

- 2001 "O Trabalho de Housecleaners Brasileiras em Boston", Paper apresentado na Reunião da Latin American Studies Association, Washington, DC, September.
- 2002 *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*, São Paulo, Annablume.

GAINESVILLE SUN

- 2002 "Simpsons' Spoof Hits Raw Nerve in Brazil", April 17, p. 5.

GIBSON, A. M.

- 2008 "Brazucas in NOLA: A Cultural Analysis of Brazilian Immigration to New Orleans Post-Katrina", Paper apresentado na Reunião da Brazilian Studies Association, New Orleans, March.

GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L.; SZANTON BLANC, C. (orgs.)

- 1992a *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*, New York, Annals of the New York Academy of Sciences, vol. 645.
- 1992b "Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration," in *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*, New York, Annals of the New York Academy of Sciences, vol. 645, pp. 1-27.

JONES-CORREA, M.; LEAL, D.

- 1998 "Becoming 'Hispanic': Secondary Panethnic Identifications among Latin American-origin Populations in the United States", *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, vol. 18: 214-254.

LINGER, D. T.

- 2001 *No One Home: Brazilian Selves Remade in Japan*, Stanford, CA, Stanford University Press.

MAXINE L. MARGOLIS. BRASILEIROS NO ESTRANGEIRO...

MARCUS, A. P.

- 2004 "Brasileiros em Massachusetts, E.U.A.: A Identidade Étnica de uma Minoria Invisível", Paper apresentado na Reunião da Brazilian Studies Association, Rio de Janeiro, June.
- 2008 "New Immigrant Settlements in the U.S. South: Brazilians in Marietta, Georgia", Paper apresentado na Reunião da Brazilian Studies Association, New Orleans, March.

MARGOLIS, M. L.

- 1990 "From Mistress to Servant: Downward Mobility Among Brazilian Immigrants in New York City", *Urban Anthropology*, 19(3): 1-17.
- 1994 *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*, Princeton, NJ, Princeton University Press.
- 1995 "Brazilians and the 1990 United States Census: Immigrants, Ethnicity and the Undercount", *Human Organization*, vol. 54(1): 52-59.
- 1998 "We Are *Not* Immigrants: Contested Categories Among Brazilians in New York City and Rio de Janeiro", in MORTLAND, C. A. (org.), *Diasporic Identity, Selected Papers in Refugee and Immigrant Issues*, vol. VI, General Anthropology Division, American Anthropological Association, pp. 30-50.
- 2001 "Notes on Transnational Migration: The Case of Brazilian Immigrants," in HOPKINS, M. & WELLMEIER, N. (orgs.), *Negotiating Transnationalism: Selected Papers in Refugees and Immigrant Issues*, General Anthropology Division, American Anthropological Association, pp. 202-222.
- 2008 "Brazilian Immigration to the U.S.: Future Research & Issues for the New Millennium", in BRAGA, L. & JOUËT-PASTRÉ, C. (orgs.), *Becoming Brazucas: Brazilian Immigration to the U.S.*, Cambridge, Harvard University Press.

MARGOLIS, M. L.; BEZERRA, M. E.; FOX, J.

- 2001 "Brazil", in EMBER, M. & EMBER, C. R. (orgs.), *Countries and Their Cultures*, New York, Macmillan Reference, pp. 283-301.

MARROW, H. B.

- 2002 "To Be or Not to Be (Hispanic or Latino): Brazilians and the Panethnicity Debate", Paper apresentado na Mini-Seminar, Brazilians Outside Brazil: Brasileiros Fora do Brasil, University of Miami, Coral Gables, April.

- 2004 "Coming to Grips with Race: Second-Generation Brazilians in the United States", Paper apresentado na Reunião da Brazilian Studies Association, Rio de Janeiro, June.
- MARTES, A. C. B.
- 1998 "Citizenship and Solidarity: The Construction of Identities among Brazilian Immigrants in Massachusetts", Paper apresentado na Reunião da Latin American Studies Association, Chicago, October.
- 2000 *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*, São Paulo, Paz e Terra.
- MENEZES, G. H.
- 2002 *Filhas da Emigração: Sobre a Segunda Geração de Brasileiros nos EUA*, Dissertação (Mestrado), Brasília, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- RESENDE, R.
- 2002 "Tropical Brazucas: A Preliminary Study of Brazilians in South Florida", Paper apresentado na Mini-Seminar, Brazilians Outside Brazil: Brasileiros Fora do Brasil, University of Miami, Coral Gables, April.
- RIBEIRO, G. L.
- 1997 "Street Samba: Carnival and Transnational Identities in San Francisco", Paper apresentado na Reunião da Brazilian Studies Association, Washington, D.C., October.
- 1999 "O que faz o Brasil, *Brazil*: jogos identitários em San Francisco", in REIS, R. R. & SALES, T. (orgs.), *Cenas do Brasil migrante*, São Paulo, Boitempo, pp. 45-85.
- RIDING, A.
- 1989 "Aloof Giant, Brazil Warms to Neighbors", *New York Times*, february 21, p. 15.
- 1992 "Bedfellows with Spain, Lisbon Won't Cuddle", *New York Times*, june 14, p. 13.
- ROUSE, R.
- 1991 "Mexican Migration and the Social Space of Postmodernism", *Diaspora*, vol. 1: 8-24.

SALES, T.

- 1999 “Identidade Étnica Entre Imigrantes Brasileiros na Região de Boston, EUA”, in REIS, R. R. & SALES, T. (orgs.), *Cenas do Brasil migrante*, São Paulo, Boitempo, pp.15-44.
- 2001 “Segunda Geração de Emigrantes Brasileiros nos EUA”, in *Migrações internacionais: contribuições para políticas*, Brasília, Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, pp. 361-374.

WILSON, R. A.

- 1995 “Shifting Frontiers: Historical Transformations of Identities in Latin America”, *Bulletin of Latin American Research*, vol. 14.

ABSTRACT: As recent immigrants in the United States, Brazilians for the first time find themselves in situations where they are viewed as an ethnic minority. “Brazilian” becomes a marked category within the context of international migration because it raises questions of ethnic identity with which Brazilians have had little or no prior experience or consciousness. This paper examines the contested identity of Brazilians in the U.S., the role of North American ethnic categories in this identity and Brazilians attempts to distinguish themselves from “the other” – Hispanics

KEY-WORDS: Brazilians in the United States, ethnic identity, North American ethnic categories, Hispanics.

Recebido em agosto de 2008. Aceito em dezembro de 2008.